

Perdas Continentais

JORNAL DO BRASIL

09 JUL 1990

O percurso mais longo tem as suas vantagens. O ex-presidente José Sarney partiu para um encontro, em Buenos Aires, com outros na mesma situação dele, tendo um objetivo implícito mais importante para ele do que o explícito.

Os ex-presidentes que, volta e meia, estão juntos, são os mesmos que não passaram da palavra para a ação política no âmbito continental quando estavam no governo dos seus países. Produziram retórica retumbante a propósito das mazelas sul-americanas. Embalados pelas próprias palavras, consolam-se agora com um mandato fantasmagórico: reencontram-se e se abraçam efusivamente. O nosso ex aproveita para exercitar o dialeto, que não chega a ser espanhol nem deixa de ser português.

As preocupações continentais (latino-americanas, como gostam de dizer) fazem a pauta dos governantes aposentados. Nada mudou nas considerações avulsas. Os argumentos são conferidos, os números atualizados. Mais uma ou duas reuniões ociosas, como esta de Buenos Aires, e chegarão à conclusão de que a dívida continental resulta das famosas perdas internacionais de que tanto fala a faixa populista brasileira na cavação de votos. As perdas continentais mais sérias, no entanto, são as sofridas pela moralidade pública.

O ex-presidente Sarney partiu como os homens tosem (isto é, espalhafatosamente), para

chamar na volta a atenção sobre o seu novo endereço, em manobra destinada a enganar a justiça eleitoral: a sua candidatura a senador pelo Amapá depende da caracterização do domicílio em Macapá. Não há quem não associe o nome do ex-presidente ao Maranhão, onde nasceu, escreveu e fez política até hoje. Mas só prosperou depois da morte do saudoso senador Vitorino Freire. Não podendo disputar pelo Maranhão a cadeira de senador, Sarney optou pelo Amapá mas, para efeito legal, teria que fazer prova de residência. Prova de residência não é isso, que tem outro nome: burla.

Não fica bem a qualquer político de alguma expressão nacional usar expediente desse calibre. Mais ainda, a um ex-presidente da República. A condição de ex-presidente não libera o sr. José Sarney para praticar subterfúgios que vão lançar uma sombra na sua biografia, que ele ia começar a escrever. Anunciou que se afastaria da política, depois do mandato, para melhorar a obra literária. Desistiu para concorrer ao mandato onde o número de eleitores é insignificante para quem carrega o mais alto título político, embora não tenha tido o respaldo do voto direto para obtê-lo. Se fosse por São Paulo, onde pelo menos atuou muito, ainda se compreenderia. Pelo Amapá, é uma afronta que a democracia aceita mas a moral não engole.